



HANSENÍASE COMO DOENÇA TROPICAL NEGLIGENCIADA: ESTIGMA E REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS NA VIDA DAS PESSOAS APÓS O DIAGNÓSTICO

Bianca de Oliveira², Vinícius Sidinei Guimarães³, Claudeli Mistura Corrêa⁴

¹

² Enfermeira. Pós-Graduanda em Enfermagem na Atenção Primária com ênfase na Estratégia Saúde da Família pela DNA Pós-Graduação. E-mail: by28_oliveira@hotmail.com

³ Enfermeiro. Mestrando em Ciências da Saúde pela Universidade Franciscana. E-mail: vg31as@gmail.com

⁴ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutora em Ensino. Professora do curso de Graduação em Enfermagem e Tutora do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: claudeli.mistura@unijui.edu.br

Introdução: A hanseníase é uma doença infecciosa que acomete pessoas em nível mundial há milhares de anos. Possui evolução lenta e progressiva, podendo deixar o indivíduo com incapacidades irreversíveis. Essas incapacidades, em geral, decorrem do atraso no diagnóstico e na demora para iniciar o tratamento, os quais podem estar relacionados à falta de conhecimento dos profissionais da saúde. **Objetivos:** Descrever as repercussões sociais da hanseníase enquanto doença tropical negligenciada, analisando os impactos psicossociais e de estigma na vida das pessoas após o diagnóstico. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão de literatura, realizado por meio de buscas de dados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), no mês de março de 2025. Para a busca das produções científicas, utilizou-se o Descritor em Ciências da Saúde "Hanseníase" e a palavra-chave "Incapacidade", que possibilitou encontrar 57 publicações em português, nos últimos cinco anos. Inicialmente, foram selecionados para leitura prévia 12 artigos científicos e, destes, incluíram-se neste estudo quatro. **Resultados:** A hanseníase é uma doença crônica, infecciosa e transmissível, classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma doença tropical negligenciada, associada principalmente às desigualdades sociais em países como o Brasil. O estigma, o preconceito e a exclusão social são uma triste realidade enfrentada pelas pessoas que convivem com essa doença, tanto na atualidade quanto há milhares de anos, devido a crenças e histórias culturais. Em trechos bíblicos, a hanseníase é considerada como um castigo divino para algumas pessoas, sendo elas chamadas de "leprosas". No Brasil, entre os anos 1920 e 1960, os pacientes eram afastados da sociedade e do convívio familiar, sendo isolados em hospitais e permanecendo confinados até sua morte. Os primeiros sinais da hanseníase são alterações na pele, com a presença de manchas esbranquiçadas ou avermelhadas pelo corpo, que apresentam alterações na sensibilidade. Nesse contexto, quando o diagnóstico precoce não ocorre, pode afetar mucosas e nervos periféricos, localizados na face, no pescoço, no terço médio do braço, abaixo do cotovelo e dos joelhos. Pode também afetar os olhos e órgãos internos, tais como mucosas, testículos, ossos, baço, fígado, entre outros. Além disso, pode causar nódulos, artralgia e câimbras, levando a incapacidades e deformidades físicas. Essas incapacidades e deformidades exigem adaptações na nova rotina diária, tanto para o paciente



quanto para seus familiares, pois alguns indivíduos tornam-se dependentes para realizar atividades básicas do cotidiano. Além disso, ocorrem modificações na fisionomia, impactando a autoestima e ocasionando transtornos psiquiátricos.

O diagnóstico da hanseníase ocorre por meio do exame clínico e epidemiológico, sendo necessário que os profissionais da saúde, principalmente o enfermeiro e o médico, tenham conhecimento sobre a doença para promover uma detecção precoce e iniciar o tratamento o mais breve possível. É por meio da avaliação neurológica simplificada da hanseníase que o profissional realiza os testes de sensibilidade e de força muscular/motora e avalia o grau de incapacidade física, obtendo o conhecimento da dimensão dos possíveis danos. Nesse sentido, observa-se a falta de conhecimento dos profissionais da saúde, principalmente no âmbito da Atenção Primária à Saúde, sendo esta a porta de entrada dos usuários pela busca de assistência e cuidado à saúde. Segundo a OMS, a assistência às pessoas com diagnóstico de hanseníase deve levar em consideração as suas particularidades e necessidades diante do processo de adoecimento, avaliando as complicações, o monitoramento dos contatos, a realização do tratamento, a identificação precoce das incapacidades físicas e a reabilitação após a alta por cura. **Conclusões:** Conclui-se que a hanseníase é uma doença impactante, que pode causar incapacidades físicas irreversíveis, influenciando na autoestima e alterando questões psicológicas das pessoas que vivem com esta patologia. O diagnóstico tardio da hanseníase contribui de modo direto no desenvolvimento de incapacidades físicas, repercutindo negativamente no contexto de vida das pessoas com a doença, bem como de suas famílias. Para isso, recomenda-se que os profissionais de saúde busquem por qualificações na área e mantenham-se atualizados. Também se destaca a importância de as instituições de saúde proporcionarem capacitações a seus colaboradores, objetivando organizar medidas de prevenção e qualidade na assistência à saúde. Nesse contexto, defende-se ações de educação em saúde e rodas de conversa, promovendo maior empoderamento aos usuários e combatendo o estigma, o qual dificulta a reintegração do indivíduo com hanseníase na sociedade.

Palavras-chave: Doenças negligenciadas; Doença crônica; Pessoal da saúde; Atenção primária à saúde.